

O protesto estudantil: antes e agora

Em 1968, os protestos sobre o Vietname atingiram o extremo na convenção democrata, com confrontos entre polícia e manifestantes. Afinal beneficiaram a direita, que elegeu Nixon.

Nuno Severiano Teixeira | *Público* | 15 de Maio de 2024

O protesto tomou de novo conta das universidades. Mais pacífico na Europa, mais violento nos EUA, o movimento estudantil voltou a agitar a academia. Ocupação do campus, perturbação da vida académica, confrontos violentos, repressão policial e muitas prisões. E como, antes, por causa da guerra no Vietname, agora, por causa da guerra em Gaza.

As universidades americanas foram o centro do protesto. Percebe-se porquê. Porque os EUA são a potência estrangeira mais envolvida no conflito e a única que, para o bem ou para o mal, pode influenciar o destino da guerra. Mas mais do que isso, porque o conflito não é visto apenas na sua dimensão internacional. É vivido com uma expressão interna e a sociedade está, profundamente, polarizada em torno dos dois lados em conflito. Uma parte da comunidade académica, chocada com a barbaridade do ataque de 7 de Outubro, condena o Hamas e apoia Israel. A outra, chocada com os horrores do que classifica de genocídio em Gaza, condena Israel e apoia a causa palestiniana.

Há uma profunda polarização. Mas também uma enorme simplificação. Porque tudo é mais complexo. Porque, entre os simpatizantes da causa de Israel, há os que condenam a punição colectiva do povo palestiniano. E entre os simpatizantes da causa palestiniana também há os que condenam o ataque do Hamas. Quer isto dizer que sob o efeito da polarização se escondem divisões internas dentro dos dois campos polarizados. E que segundo alguns analistas, não seguem as mesmas tendências.

Entre os judeus americanos cresce a divisão e um sentimento de ambivalência relativamente às políticas do Governo de Israel, o que torna cada vez mais incómodo o seu posicionamento perante a polarização. Entre os palestinos, embora pareça haver maior unidade, estão cada vez mais divorciados das suas estruturas políticas e cada vez mais dependentes da solidariedade internacional. Porém, mais importante do que o efeito nas duas comunidades são as consequências dos protestos sobre a política americana. Em geral, e para o Médio Oriente em particular.

Dito de outro modo, o que faz o sucesso dos protestos? Para os estudantes o sucesso significa atingir todas as suas reivindicações. Mas há, certamente, métricas mais razoáveis para medir o sucesso: a atenção que captam; o impacto

que têm no presente; e o legado que deixam no futuro. Durante semanas os protestos ocuparam o espaço político e mediático e chamaram a atenção para a sua causa. Desse ponto de vista foram já um sucesso.

Mas terão outro impacto no imediato e alguma outra consequência a médio e longo prazo? Ora aqui chegados, a comparação histórica entre os movimentos de 1968 contra o Vietname e os movimentos de 2024 sobre Gaza pode ser útil. No Vietname, os EUA estavam militarmente envolvidos, em Gaza o envolvimento americano é político, diplomático e financeiro. No Vietname estava em risco a vida dos jovens americanos, em Gaza não. Mas, em ambos os casos, está em causa a reputação internacional dos EUA. No Vietname, a vitória ou a derrota na guerra. Em Gaza, a credibilidade internacional do país. E o apoio a um Governo de Israel que não ouve, não segue e contraria ostensivamente as posições do aliado que o apoia.

No Vietname, os protestos reclamavam das universidades o fim dos projectos de investigação relacionados com o complexo militar-industrial e do Governo o fim da guerra. Em Gaza, reclamam das universidades o desinvestimento nos projectos relacionados com o fornecimento de armas a Israel e do Governo o fim de uma política hesitante com que os EUA se arriscam a ficar cúmplices de uma catástrofe humanitária. Para a história os protestos de 1968 ficaram como um factor-chave para o fim da guerra e a retirada americana do Vietname. O futuro dirá o que fica dos protestos sobre Gaza.

Em 1968, o Vietname polarizou a política americana, atingindo o extremo na convenção democrata em Chicago, com confrontos entre polícia e manifestantes. Os protestos pareciam pender para a esquerda, mas afinal foi a direita que beneficiou e foi Nixon quem venceu as eleições em Novembro. Em 2024 Gaza também está a polarizar a política americana. Mas aparentemente o conflito está a dividir mais o campo democrata do que o campo republicano. Em particular no Michigan, um “swing state” onde a comunidade árabe vota tradicionalmente democrata e está contra a política pró-Israel de Biden. Este ano também há convenção democrata em Chicago. Veremos se Gaza não beneficia a direita e Trump não sai vencedor. Espero bem que não. Mas lá que Biden tem dado uma ajuda, tem.

<https://www.publico.pt/2024/05/15/opiniao/opiniao/protesto-estudantil-2090453>